

Evidências de um amanhã

Clara Sofia Nogueira Lopes

3

No ônibus rumo ao meu destino, é como se tivesse voltado anos atrás, quando tudo era mais fácil, embora na época, no auge da minha adolescência, não achasse bem assim. Quando cheguei ao colégio, o qual antes podia chamar de meu, uma sequência de lembranças e boas sensações me tomam o peito. Lembro de quando meu mundo se resumia aos muros daquela escola, das conversas na fila do lanche, do choque de realidades que experimentei nas primeiras semanas de aula, da evolução construída.

O pátio está cheio, os alunos transitam e conversam entre si, agrupados nas mesas redondas ao redor das árvores. Há empolgação, afinal é a primeira vez que muitos se veem após dois anos de pandemia. Dois anos de experiências perdidas. Dois anos ralados, perdidos para uns, atrasados para outros. Apesar disso, os que ali conseguiram chegar, se mostraram empolgados para terminar o que haviam começado.

A diversidade em seu sentido amplo caracteriza a escola. Jovens falam de política, enquanto diferentes culturas mostram suas caras e casais de adolescentes andam de mãos dadas sem medo pelos corredores.

Quando chego na sala, a professora demonstra satisfação em rever seus ex-alunos, agora em preparação para se tornarem também professores. É estranho estar nessa posição, estar à frente e observar de fora tudo aquilo. De repente, Cássia Eller interrompe meus pensamentos. A turma acorda do seu estupor pós-almoço e se surpreende com a caixa de som da professora, que ameaça dançar na frente de todos. Tudo se anima, a sala pulsa, a aula começa. É incrível como tudo se desenrola, a gramática se atrela a arte, ao cotidiano, é matéria viva e faz sentido! Tudo naquela sala é coeso e uno.

Talvez eu esteja vestindo uma lente romântica sobre o momento e ignore os problemas ali em volta, como os aparelhos quebrados da escola cicatrizes de tempos difíceis, as deficiências trazidas da pandemia, a enorme fila do lanche que impede os alunos de chegarem na hora certa depois do intervalo e talvez até ameaças, cochichando por trás dos panos às direitas do palco, a ordem normal das coisas.

O dia segue e auxilio alguns alunos nas atividades, escuto suas iniciativas em sala, e observo-os indo embora. Ficamos somente eu e a professora, que me trata como a adulta que até aquele momento não tinha caído a ficha que eu era; a adolescente espiava até agora sob meus olhos e se saudava de todos aqueles momentos. Conversamos sobre tudo, o contexto, os alunos, a escola, a política...

Na saída, já no final da tarde, encontro o pátio com apenas uns gatos pingados. Procuo pelos alunos e encontro-os no auditório principal discutindo sobre os atuais cortes na educação, em uma assembleia formada por eles. Ouço vozes indignadas, punhos erguidos e argumentos de jovens conscientes. Eles sabem o que fazem. Vou embora sob o som dos

tambores, tocada pelo espírito de luta que habita na instituição. Deixo para trás, enquanto sigo meu caminho, minhas memórias do passado, minha escola, onde o futuro se encontra e o amanhã não tarda.
